

Saleiros de Faenza, típicos exemplos dos belamente decorados recipientes de ingredientes medicinais que se alinhavam nas prateleiras das boticas. Museu Internacional de Cerâmica, França



Entre os mundos medieval e moderno, dois séculos produziram uma era rica e de fantásticos contrastes: a grandeza espiritual e o despotismo mesquinho, artes magníficas e políticas desprezíveis, mentes estimulantes e moral decadente. Estávamos vivendo o colorido e excitante Renascimento.

A mais notável faceta do Renascimento foi o movimento humanista, que reviveu o espírito da Antiguidade clássica através do estudo reverente dos autores gregos e latinos. Entre os médicos humanistas havia vários

eruditos versados em grego e latim, que trabalharam arduamente para desligar o ensino médico dos imprecisos textos árabes. Famoso por seus irados ataques à imprecisão de Hipócrates e Galeno foi Niccolo da Lonigo (Leoniceus, 1428-1524), que realizou a obra monumental de corrigir os erros botânicos na *História Natural* de Plínio.

O Renascimento foi marcado por uma moléstia misteriosa conhecida como o suor maldito, que surgiu na costa galesa e alastrou-se até Londres. Como foi mais tarde descrito pelo médico da corte, John Caius, a doença tinha início súbito, com apreensão, calafrios, vertigens, dores no pescoço e prostração. Em seu estágio agudo, as vítimas sofriam de calor, suores profusos, sede intensa e erupções miliares; a morte chegava frequentemente dentro de 24 horas; a recuperação levava de oito a 14 dias. Seis grandes epidemias desse suor anglicus ocorreram nas seis décadas seguintes, uma delas reduzindo à metade as populações de Oxford e Cambridge. Flagelo mais devastador foi a febre tifóide, pela primeira vez descrita acuradamente por Gerolamo Fracastoro.

As crianças renascentistas sofriam de raquitismo: no século XVI, Ambroise Paré descreveu deformidades valgus e varas das pernas. O escorbuto atacava os marinheiros em longas viagens marítimas. Ele havia sido observado na Idade Média, quando era interrompido o fornecimento de alimentos às cidades sitiadas. A varíola e a malária, predominantes na Idade Média, continuaram a aparecer esporadicamente durante os séculos renascentistas. A sífilis também faria sua dramática entrada nesse cenário: hospitais foram criados para seu tratamento, que incluía generosas unções com mercúrio. Curandeiros, chamados de engorduradores de erupção, besuntavam os pacientes da cabeça aos pés com o chamado unguento sarraceno e os submetiam a banhos de suor. Acreditava-se que a salvação e a sudação eliminavam os venenos sífilíticos.

O Renascimento marca também o surgimento dos cirurgiões, repelidos pelos médicos de então. A reação, no entanto, não impediu o avanço das primeiras técnicas cirúrgicas, que incluíam transplante de tecidos e cistotomia com técnica de incisão perineal e cateterismo.

Between medieval and modern world, two centuries produced a rich age of fantastic contrasts: spiritual greatness and stingy despotism, magnificent arts and despicable policies, stimulant minds and decadent moral. It was the colorful and exciting Renaissance.

The most notable facet of Renaissance was the humanist movement, which revived the spirit of classical antiquity through the reverent study of Greek and Latin authors. Among humanists there were several erudite physicians skilled in Greek and Latin who worked hard to separate medical teaching from the inaccurate Arabian texts. Famous for his irate attacks to the imprecision of Hippocrates and Galen was Niccolo da Lonigo (Leoniceus, 1428-1524), who brought to effect the monumental work of correcting botanical mistakes in *Natural History* by Pliny.

Renaissance was marked by a mysterious disease known as sweating sickness, that arose at the Welsh coast and spread as far as London. As was later described by court physician John Caius, the illness used to begin very suddenly, with a sense of apprehension, cold shivers, giddiness, neck pain and prostration. In its acute stage, victims suffered from heat, profuse sweat, intense thirst, and miliary eruptions; death frequently came within

24 hours; recovery took from eight to 14 days. Six great epidemics of *sudor anglicus* occurred in the following six decades, one of them reducing the populations of Oxford and Cambridge to half. A most devastating scourge was typhoid fever, first described accurately by Girolamo Fracastoro.

Many Renaissance children were rickety: in the 16th century, Ambroise Paré described varus and valgus deformities of legs. Scurvy attacked sailors on long sea voyages. It had been observed in the Middle Ages, when food furnishment was interrupted to towns under siege. Smallpox and malaria, predominant in the Middle Ages, continued to appear sporadically during Renaissance centuries. Syphilis would also make its dramatic ingress into this scenery: hospitals were built for its treatment, which included generous unctions with mercury. Quacks, known as *eruption greasers*, rubbed patients from head to feet with so-called Saracen ointment and submitted them to sweat baths. They believed that salivation and sudation eliminated syphilitic poisons.

Renaissance also marks the appearance of surgeons, repelled by the physicians of the time. The reaction, nevertheless, did not avoid the advance of the first surgical techniques, which included tissues transplant and cystotomy with perineal incision technique and catheterism.